



Foram muitos os que se deslocaram a Belém, Lisboa, para conhecer o novo museu, instalado num edifício que ocupa cerca de 15 177 m<sup>2</sup>

# “Lindíssimo mamarracho”. O Museu dos Coches já abriu

**Inauguração.** A fila de visitantes que ontem de manhã esperavam a abertura do novo Museu dos Coches contornava o edifício. Aberto definitivamente ao público, no dia de hoje é grátis

MARIANA PEREIRA

“Quantos são?”, ouve-se de dentro da bilheteira. “Quatro”, diz um homem sem saber que responde à diretora do Museu Nacional dos Coches (MNC), Silvana Bessone, no dia em que abria gratuitamente ao público as portas do novo edifício que estava, antes ainda das 10 da manhã – hora de abertura – rodeado a toda a volta por gente que esperava para entrar.

“Não estávamos à espera de tanta gente, de maneira que eu estou a ajudar, porque as pessoas não sabem trabalhar com a bilheteira e não é o momento agora de darmos ensinamento, já demos a várias pessoas, mas não são suficientes para a avalanche de gente que chegou”, notava a diretora do museu, ontem, quando se celebravam 110 anos de MNC, que até anteontem – data em que foi inaugurado pelo Presidente da República – tinha lugar no vizinho Picadeiro Real.

Uma das primeiras da enorme fila que levava ao interior do museu era Idalina Oliveira, uma idosa que

ali estava desde as nove horas. Porquê? “Por causa das bichas e porque não posso estar muito tempo em pé.” Do edifício assinado pelo arquiteto brasileiro Paulo Mendes da Rocha alvitrava: “Pelo menos aqui de fora, pela aparência, é bonito.” Quanto aos custos de 40 milhões de euros que contou o novo museu, logo lançou como que de rajada: “Isto tem muitos custos e há muita

gente com fome.” Mas ainda assim veio. “Porque é de graça, se fosse a pagar não vinha”, diz já de fugida para o museu, cujas portas acabavam então de abrir.

E é de custos que também fala Margarida Henriques, que ali chegou pouco depois das nove e aproveitava, com os dois netos, de 7 e 3 anos, a sombra criada pelo próprio museu de vidro, aço e betão que

paira sobre as nossas cabeças assente em dez colunas maciças. “Um horror, eu acho que não era justificável [o custo]. Isto tem muito que ver com a campanha eleitoral [as legislativas devem ser em outubro]. A ideia que eles deram [para inaugurar agora] foi aproveitar que o museu fazia 110 anos. A mim não me convenceu essa desculpa, tenho imensa pena.” Iniciada a cons-

## Quando a diretora tira bilhetes para os visitantes

**MUSEU** “Eu estou cá para receber as pessoas”, dizia Silvana Bessone, diretora do Museu Nacional dos Coches, enquanto distribuía bilhetes. Eram gratuitos, como são hoje durante todo o dia entre as 10.00 e as 18.00 (última entrada até às 17.30). A partir de terça-feira, os bilhetes terão o custo de seis euros para o museu e oito euros se incluir entrada no Picadeiro Real, com algumas viaturas e galeria de pintura.



trução em 2009, o edifício foi dado como oficialmente terminado no começo de 2013. Agora de portas abertas, continua sem estar concluído, faltando ainda o dispositivo museográfico e a passagem pedonal e ciclável sobre a linha do comboio e a Avenida da Índia.

E este é um dos motivos pelos quais os primos Ana e Bruno, de frente do icónico Coche dos Oceanos, comentam o preço dos bilhetes a partir de terça-feira (uma vez que ontem e hoje a entrada é gratuita). Os seis euros (oito com o Picadeiro Real) para entrar neste edifício parecem a Ana “para a conjuntura económica do país, um bocadinho puxados para atrair as pessoas”. “Para uma obra que teve um investimento tão grande acho que merecia ter maior número de pessoas a visitá-lo. Claro que isto puxa sempre para o lado do turista, que vem e paga aquilo que lhe pedem, mas eu acho que se isto também é nosso, o povo devia vir visitá-lo”, remata.

Antes de termos encontrado os visitantes já por entre os 78 coches das duas salas de exposição permanente, subimos no elevador com Rui Patrício da Silva, ex-trabalhador da Segurança Social, requalificado pelo Estado para trabalhar no MNC desde há dois meses. É um dos 30 contratados pelo museu, que conta agora com 62 trabalhadores. “Dentro do museu circulem no sentido dos ponteiros do relógio” pedia a todos.

Sente-se uma agitação no ar, própria de um dia inaugural na vida de alguém. Os vigilantes de sala vão guiando os visitantes e dando algumas explicações acerca do Coche da Mesa, conhecido como o coche “da troca das princesas”, ou o landau do regicídio, que ainda mostra a entrada das duas balas.

Vistos em perspetiva, muitos dos visitantes apresentam uma figura comum: a que o corpo ganha quando empenhado em tirar uma fotografia com o telemóvel ou *tablet*. Vasco Bica, de 11 anos, tirou um sem-número delas. “Eu faço questão, já que ele tem essa possibilidade, para um dia mais tarde recordar, ou para os filhos, ou para os netos”, diz a avó, Júlia Soares. Vasco acha o edifício “um bocadinho estranho para ser museu dos coches, mas funciona bem, é espaçoso”. A avó acha o edifício “um mamarracho, é a palavra”. E entrando nele? “Achei lindíssimo. Tinha muito espaço, de fora não temos a noção.”

Os visitantes eram “maioritariamente portugueses da Grande Lisboa”, estimava Silvana Bessone durante a manhã. Um deles era Pedro Figueiredo, que não chegou a conhecer o antigo museu e diz deste edifício ser “espetacular”. “Está um bocadinho desenhado com o exterior, mas por dentro está impecável.” E ali está ele, de janelas postas no Tejo: o novo Museu Nacional dos Coches de portas abertas.

# Últimos dias para ver os livros raros de Pina Martins

**Exposição.** Até terça-feira, é possível apreciar mais de mil exemplares deste colecionador

“Os objetos procuram aqueles que os amam”, dizia José de Pina Martins sempre que adquiria mais um livro raro para a sua coleção. Era assim que este humanista, investigador e bibliófilo, natural de Penalva de Alva, concelho de Oliveira do Hospital, via a sua biblioteca: como uma paixão. A frase serve agora de título à exposição que a Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, tem patente apenas até terça-feira e que mostra uma pequena parte dessa preciosa coleção.

Representante da intelectualidade do século XX, José V. de Pina Martins (1920-2010) foi diretor do Centro Cultural Calouste Gulbenkian de Paris e do Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, tendo, entre outros cargos, presidido à Academia das Ciências de Lis-

boa. Além disso, dedicou grande parte da sua vida a procurar e reunir obras raras, criando um dos mais relevantes acervos bibliográficos existentes em Portugal, com mais de sete mil volumes, grande parte deles dedicados aos mais variados temas do humanismo renascentista. Esta “biblioteca de estudos humanísticos”, como José de Pina Martins lhe chamava, foi adquirida em 2008 pelo Banco Espírito Santo.

A exposição apresenta mais de mil exemplares, entre eles um livro único no mundo, do poeta espanhol Garcilaso de la Vega (1501-1536), editado em 1587, em Lisboa, como explica a curadora Vanda Anastácio. Entre outros exemplares, destaque para a “rara primeira edição”, das *Obras Completas*



Pina Martins reuniu ao longo da vida mais de sete mil livros antigos, raros e de grande beleza

de Sá de Miranda (1585). De Camões, de quem Pina Martins “tinha todas as edições comentadas d’ *Os Lusíadas*”, está patente uma edição deste poema épico, datada de 1613, comentada pelo compositor Manuel Correia.

O centro da exposição tenta recriar uma “geografia imaginária” de Pina Martins, segundo um desenho autógrafa. “No desenho, ele de-

monstra com uma determinada geografia, como entendia que se deviam arrumar os livros e como tinha, por exemplo, os humanistas do Sul da Europa todos juntos e os do Norte da Europa, noutras estantes.”

Pina Martins colecionou também várias gravuras, de que se expõe uma pequena parte, representando alguns dos seus humanistas de eleição como Petrarca, Sá de Mi-

randa, Dante, Erasmo de Roterdão e Thomas More. “A exposição está organizada de maneira a criar a ideia, a quem entra, que de facto está a entrar numa biblioteca”, sublinhou a curadora à Lusa, na altura da inauguração. Cada obra está acompanhada por comentários do próprio Pina Martins, que conta como a adquiriu e o que lhe interessou nela. M.J.C. com Lusa

O NOVO MUSEU DOS COCHES  
TEM ELEVADORES E PLATAFORMAS:

**LIFTECH**  
**ELEVADORES**  
**WWW.LIFTECH.PT**

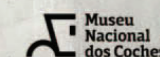
info@liftech.pt  
808 200 064



“Inovação e rigor,  
da concepção à conclusão.”



MAIS UMA OBRA EMBLEMÁTICA QUE CONTOU COM  
A NOSSA EXPERIÊNCIA E SABER.



A NOSSA PARTICIPAÇÃO:

Gestão e Supervisão da Construção;  
Verificação de Projectos de Arquitectura e Instalações Técnicas;  
Assessoria no Arranque das Instalações;  
Gestão Técnica do Edifício.

proman.pt